

FUNDAMENTOS CONCEITUAIS ENTRE EDUCAÇÃO E CULTURA NO PENSAMENTO DE ANTONIO GRAMSCI: O PROFESSOR DE SOCIOLOGIA COMO INTELLECTUAL ORGÂNICO

Georgio Famarion Rodrigues Lacerda.*

RESUMO

O artigo apresenta a relação conceitual entre educação e cultura na sociologia de Antonio Gramsci. E inserido neste contexto, a ação do professor de sociologia visto como intelectual orgânico. A tentativa é de conceituar o professor de sociologia inserido na relação com o intelectual orgânico no pensamento de Antonio Gramsci. A pesquisa segue ilustrando a relação existente entre educação e cultura no pensamento do autor. Refletindo, portanto, o intelectual orgânico como aquele que pode mudar a realidade, sobretudo com relação à prática educativa. Neste sentido, o conhecimento assume, em Gramsci, importância de instrumento ético-político-emancipatório de luta. Torna-se o cimento para se estabelecer uma contra-hegemonia.

Palavras-chave: Educação e Cultura. Intelectual Orgânico. Professor de Sociologia.

RESUMEN

El artículo presenta la relación conceptual entre la educación y la cultura en la sociología de Antonio Gramsci. Y en este contexto, un profesor de sociología de la acción visto como intelectual orgánico. Un profesor vacilante y conceptualizar o la sociología que entró en la relación orgánica o intelectual no pensando en Antonio Gramsci. Una encuesta que ilustra la relación existente entre la educación y la cultura no es el autor de pensar. Por lo tanto, lo que refleja o intelectual orgánico como un movimiento de ciruela a la realidad, sobre todo en relación a la práctica educativa. En este sentido, el conocimiento que tiene, en Gramsci, la importancia del instrumento de lucha ética y política - emancipatoria. Si A hace o se establece el cemento contra-hegemonía.

Palabras clave: Educación y Cultura. Orgánica intelectual. Profesor de Sociología.

*Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis - GO. Pós-graduado em Comunicação e Cultura pela PUC-SP e em Ensino de Sociologia no Ensino Médio-NEAD-UESPI-UAB. Atualmente trabalha no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC/PI; é também professor na rede estadual de ensino. E-mail: georgiofamarion@gmail.com.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho discute-se pontos cruciais na obra de Antonio Gramsci que, com sua atividade política e filosófica/sociológica engajada faz, no meio social, uma reflexão e uma concernente teoria acerca da educação, da cultura, do intelectual orgânico, da filosofia da *práxis* e da hegemonia; tendo como ponto de partida o pensamento de Marx. Com isso, ele a sociedade contemporânea ajuda a ter uma visão crítica da luta político-educacional que a envolve.

Em busca de uma melhor compreensão da temática procurou-se fazer uma pesquisa bibliográfica a uma melhor elucidação do tema trabalhado. Neste sentido, assumiu-se postura dialética frente às contribuições dos autores com relação ao pensamento gramsciano.

O discursocentra-se nas ideias de educação e cultura do pensador sardenho – e aqui centrou-se o objetivo, no sentido de fazer uma relação entre estes conceitos e o professor de sociologia como intelectual orgânico – estabelecendo uma intrínseca relação entre a sociologia e estes mesmos conceitos.

Gramsci foi um político que possuía uma profunda compreensão da correlação de forças sociais e do entrelaçamento da questão política com o processo de formação cultural da sociedade e é nesse contexto que reflete sobre a questão da educação. (SCHLESENER, 2002, p. 65).

Em sua concepção de educação o conhecimento deve ser utilizado como instrumento ético-político-emancipatório de luta. Para tal, é essencial a atividade pedagógica do intelectual orgânico como aquele que mune as pessoas de aparato de formação cultural, propiciando uma consciência crítica da hegemonia em voga. Daí poder afirmar que o professor de sociologia possa ser ou vir a ser um intelectual orgânico; no sentido de que este possa ser um modificador e/ou construtor de uma realidade de emancipação do indivíduo dentro da realidade escolar segundo a compreensão gramsciana.

Gramsci tem por objetivo mudar a realidade através da prática educativa fundamentada na filosofia da *práxis* (e aqui ele entende filosofia da *práxis* como crítica de todo o pensamento na filosofia e na cultura que o precedeu, levando em conta o pensamento de Marx e Engels) com vistas à consolidação da nova hegemonia ou como ele mesmo diz,

uma contra-hegemonia. Uma dominância sociocultural dessa nova classe que ascende ao poder construída pela ação desses intelectuais.

Para a elaboração do presente trabalho fez-se uso de pesquisa bibliográfica. Levantou-se e fez-se estudo de algumas das muitas obras de estudiosos do arcabouço teórico de Antonio Gramsci publicadas no Brasil; além de estudo de obras do próprio autor. Assumiu-se uma postura metodológica crítico-dialético.

1. SOBRE EDUCAÇÃO

Conforme Vieira (1999), há no pensamento gramsciano uma indissociável relação entre conhecimento histórico – o que possibilita as pessoas conhecerem o passado e fazerem suas devidas críticas –, práxis política – o engajamento efetivo na luta pela transformação da sociedade –, luta cultural – esclarecer as mentalidades através da produção cultural – e processos de formação humana – todo ato de educar. Daí ele ter o desejo de que a sociedade concebesse um espaço,

[...] uma escola em que seja dada à criança a possibilidade de formar-se, de tornar-se um homem, de adquirir os critérios gerais que sirvam ao desenvolvimento do caráter. [...] uma escola de liberdade e de livre iniciativa e não uma escola de escravidão e mecanicidade. (GRAMSCI, 1958, p. 59 apud MOCHCOVITCH, 2004, p. 57).

O pensador comunista, em sua *práxis* político-filosófico-sociológica considera a atividade do intelectual um instrumento a serviço do grupo social, onde a disseminação de cultura tem por objetivo primordial promover a iniciativa e autonomia intelectual dos indivíduos instrumentada ou amparada por uma prática educativa.

A educação refletida pelo prisioneiro de Mussolini, “deve ser ‘capaz’ de elevar os indivíduos das classes sociais [...] a uma condição de esclarecimento [...]”. (MOCHCOVITCH, 2004, p.7). Sendo assim, é extremamente importante a educação para a construção, consolidação, sustentação de toda cultura, hegemonia e ou contra-hegemonia; uma vez que Gramsci entende todos esses conceitos como históricos. Daí, no nosso entendimento, a atuação do professor de sociologia como intelectual orgânico. Como aquele agente que tem o potencial de despertar consciência e compreensão crítica dos alunos em relação às estruturas sociais em voga. Haja visto que o professor intelectual, com sua atuação

voltada para a elevação dessa compreensão das forças sociais pode lançar mão de instrumentos didáticos que ressalte cada vez mais essa consciência crítica. Para tal, poderia ele lançar mão de inúmeros recursos pedagógicos e metodológicos atuais que, inseridos e bem utilizados em sua prática pedagógica, favoreceriam ou até mesmo mediariam o debate e a crítica em torno do objeto de estudo em questão.

Em sua época de militância política nas fábricas de Turim, nos conselhos de fábrica, nas reuniões de operários e em sua atuação jornalística, Gramsci via em cada um desses encontros oportunidade para levar os operários a refletir sobre a situação em que estavam inseridos, e elevar suas consciências utilizando uso de leitura crítica de obras de diversos autores como Marco Aurélio, Virgílio, Marx, Croce e Salvenini, além de outros importantes pensadores. Neste sentido, ele era como que um agente atenuador de desigualdades sociais à que, por meio de sua prática, fazia da educação uma questão social. Entende-se ser o professor intelectual orgânico, agente promotor de emancipação, formador de sujeitos críticos à medida que, por meio de sua prática pedagógica crítica e emancipatória, trabalha não só os textos dos sociólogos a serem estudados, mas como também, potencializar uma postura de senso crítico por meio do estudo de filmes, peças teatrais, obras de arte, notícias, programas televisivos, propagandas, páginas da internet, etc.

Vieira (1999, p. 57) diz que: [...] Gramsci revela a intenção de promover no clube a discussão desinteressada das questões éticas e morais, formar o hábito da pesquisa, da disciplina e do método nos estudos entre os operários socialistas. E assim deve proceder nosso professor intelectual. Para que com isso os seus atinjam uma consciência crítica de si mesmos e da realidade que os cerca, quer seja econômica, sociológica, filosófica ou cultural. Gramsci queria enfocar, com isso, que a vontade moral do homem o faz ser da e na história e não, simplesmente, ser natural, sem si engajar na transformação da história à qual está inserido.

Rovight assevera que a consciência desempenha um papel importantíssimo na efetivação dos objetivos pretendidos pelas classes sociais subjugadas:

Somente no momento em que um grupo social se conscientiza de sua condição e podem envolver os outros grupos sociais nesta consciência (e na vontade de transformação que dela decorre) é que ele se afirma como “grupo social fundamental”, ultrapassando o momento puramente “econômico-corporativo” de sua existência e assumindo, uma fisionomia ‘nacional-popular’ mais acabada. (1999, p. 620).

Isso seria o que ele chamava de momento de unificação “ético-político” da sociedade, um processo de reforma intelectual, político, moral e educacional. Onde sua preocupação primeira é com a transformação da sociedade que se efetiva nos vários âmbitos das relações sociais, como por exemplo, na educação, na política e na cultura.

Assume a perspectiva de que estes não são mais simples receptores de informação, mas produtores críticos de conhecimento. De tal modo que cabe ao professor orgânico a tarefa de uma elaboração sociológica/filosófica coerente com a concepção de mundo, a ideologia do novo grupo social desejoso de hegemonia.

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhes dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político. (GRAMSCI, 1982, p. 3).

Deste modo podemos dizer, como Oliveira (2006), que o intelectual orgânico tem como função ser mediador entre os intelectuais, as instituições e as massas, baseando a sua ação num compromisso político e austero empenho pessoal e coletivo. Sua ação seria possibilitadora de hegemonia, “através de um consenso de uma unidade intelectual e de uma ética, tendo como ponto de partida o senso comum, o saber prático e fundamentado numa postura crítico-reflexiva.” (OLIVEIRA, 2006, p. 143).

A reflexão política do pensador italiano possui sempre uma dimensão pedagógica. Pode-se dizer que Gramsci está, em geral, preocupado com a ação do intelectual orgânico no sentido de elevação cultural, de elevação do senso comum à consciência filosófica da sociedade.

[...] Gramsci estava preocupado com a transformação dessa sociedade e com os caminhos das classes subalternas rumo à tomada desse poder, [...] a perspectiva de Gramsci é sempre de elaborar conceitos que ajudem a classe operária e seus intelectuais (seu partido) a afirmar a “hegemonia”. (MOCHCOVITCH, 2004, p. 10)

Nessa luta pela transformação, nosso pensador dá uma enorme importância à educação e à escola como espaço de disputa pela hegemonia, apesar de que ele não tenha elaborado um pensamento propriamente pedagógico como afirma Neto (2009).

Gramsci sempre pensa na perspectiva da transformação. Sua análise da sociedade capitalista joga luzes à concepção de educação de Marx de emancipação, o que nos ajuda a compreender a dinâmica superestrutural levando em conta a necessidade de inspirar a constituição de pedagogia (s) que leve (m) as pessoas a terem uma consciência crítica da sociedade, exercendo nela realmente seu papel de cidadãos; uma educação de fato crítica e transformadora.

A educação seria o auxílio para o homem “desvelar a ideologia dominante e, assim, diante de si, [dar] possibilidades de elaborar um pensamento contra hegemônico ou contra ideológico.” (NETO, 2009, p. 32). Posto que ela está presente no duelo que se dá entre os dominantes e dominados. No jogo de forças entre os grupos hegemônicos e os que lhe são subalternos, os primeiros tentam impor sua filosofia, sua ideologia aos demais, e esses, se quiserem e tiverem as condições para tanto, deverão também forjar a sua própria filosofia, sua própria cultura e tentar disseminá-la no meio social, através da *práxis* do intelectual orgânico, para se libertarem da condição de subserviência e exploração a que são submetidos.

Schlesener (2002) destaca que Gramsci em

Seu discurso propunha uma escola que demonstrasse que era possível “reunir um público em torno de fogo de cultura, contanto que esse fogo fosse vivo” e verdadeiramente aquecedor. Uma energia vital, que cumprisse a função de unir os homens em torno de um mesmo objetivo comum, a construir com o esforço e a participação de todos. (p. 74).

O intelectual italiano nos diz que a escola exerce, ou pode exercer, função transformadora. A mesma tem potencialidades de levar os indivíduos a uma condição crítico-filosófica adequada ao exercício da cidadania. “Ela pode ser, em certa medida, transformadora, sempre que possa proporcionar às classes subalternas os meios iniciais para que [...] se organizem e se tornem capazes de 'governar'”. (MOCHCOVITCH, 2004, p. 7). Assim como o intelectual orgânico, também a escola, deve ser disseminadora de cultura através da educação. Ele almeja uma educação libertadora, isto é, que seja autenticamente formadora de opinião e consciência.

Gramsci insiste numa educação que seja democrática. Uma escola onde não só os ricos e os burgueses possam galgar aos pilares da cultura universal, mas também os pobres. Uma escola unitária.¹

Ele enfatiza o papel da escola como aquela instituição social responsável por levar as pessoas à aquisição de conhecimento, de direitos e acima de tudo de cultura; sendo que: “Só uma escola autenticamente formativa pode proporcionar o acesso a essa cultura”. (MOCHCOVITCH, 2004, p. 57).

Gramsci queria passar

Do ensino quase puramente dogmático, no qual a memória desempenha um grande papel [...] à fase criadora ou do trabalho autônomo e independente; da escola com disciplina de estudo imposta e controlada autoritariamente passe-se a uma fase de estudo ou de trabalho profissional na qual a autodisciplina intelectual e a autonomia moral são teoricamente ilimitadas. (GRAMSCI, 1982, p. 123)

Deste modo Gramsci condena a educação puramente profissionalizante, destinada às classes menos favorecidas e a escola puramente humanista para a burguesia; na tentativa de eternizarem as desigualdades sociais. Schlesener descreve muito bem o pensamento do autor sobre a escola italiana de sua época que deveria ser para todos, no entanto isso não acontecia, diz ela que:

a escola italiana era, de acordo com a leitura de Gramsci, um instrumento de manutenção das desigualdades de classe pela oferta de uma educação diferenciada, de acordo com os interesses da economia capitalista: os operários contribuía com o seu trabalho (impostos e taxas) para manter o sistema escolar e só tinham acesso ao ensino profissionalizante, isto é, a um saber fragmentado, informativo, árido, que não lhes permitia desenvolver uma personalidade mas apenas os formava para desempenhar atividades técnicas. (2002, p. 66).

O que Gramsci insiste, realmente, é numa escola que seja democrática. Que seja capaz de garantir o direito de acesso à cultura e uma profissão a todos os estudantes, indistintamente. Mochcovitch (2004, p. 56) relata que Gramsci compreende a democracia de

¹“As recordações escolares do período de sua infância são da escola como instituição autoritária, discriminatória e que muitas vezes, pela má qualificação de seus mestres, afogava os interesses infantis, como aconteceu com ele, que sentiu podadas suas inclinações para as ciências, porque seus professores do pequeno ginásio municipal de SantuLissurgiu, não souberam orientá-lo, se é que perceberam no aluno tais inclinações. ” (MIGUEL, 2003, p. 1)

modo radical. No sentido de que ela deve orientar “as reivindicações políticas e sociais das classes subalternas, entre as quais está a luta pela escola única e comum, em que seja garantido aos filhos das classes trabalhadoras o acesso à cultura.” Assim, a educação deve ser igual para todos. Uns não merecem mais que os outros, todos tem os mesmos direitos e, por isso, o estado deve garantir a todos uma educação equitativa para todas as classes.

Segundo Schlesener(2002), a escola que Gramsci se esforçava para defender é a que, de fato, tivesse fins concretos e abrangentes; a escola que os filhos dos operários poderiam frequentar na certeza de que poderiam desfrutar de todas as oportunidades possíveis para a efetivação de sua própria personalidade. Uma escola que possibilitasse, verdadeiramente, o acesso à cultura.

Com efeito, para nosso filósofo, educação leva, necessariamente à cultura, e esta não é simples acúmulo de conhecimento, mas transformação; tomar partido, posicionar-se criticamente frente à história. (GRAMSCI, 1917). É uma instância organizadora de interesses, nem sempre consensuais, como também de interesses dos trabalhadores e de suas possibilidades de acesso ao saber. Resultado do embate e das interações das concepções de mundo existentes.

2. SOBRE CULTURA

Simionatto (2001) ressalta que a reflexão da cultura como esfera constitutiva do ser social é recuperada por Gramsci. A autora diz que Gramsci não é um culturalista, mas sua preocupação é o desenvolvimento de uma cultura política, imprescindível à crítica; está relacionada à transformação.

Cultura para Gramsci é uma “conquista de uma consciência superior [...] cada qual consegue compreender seu valor histórico, sua própria função na vida, seus próprios direitos e deveres”. (GRAMSCI, 1975, apud SEMIONATTO, 2001, p. 8). Neste sentido, as palavras de Martins (2008) estão corretas em afirmar que a pretensão de nosso revolucionário italiano é de se esforçar sobremaneira para viabilizar uma reforma radical e de conjunto, uma reforma universal, tanto na realidade econômica quanto na realidade social vivida.

Todas as vezes que se fala em formar ou reformar remete-se à figura do intelectual orgânico e, conseqüentemente, à educação. Desta forma, a ação do intelectual orgânico é essencialmente educativa. Neste sentido, os intelectuais têm a função de unificar os conceitos

para criação de uma nova cultura, que não se reduz apenas na formação de uma vontade coletiva, capaz de adquirir poder, mas também na difusão de uma nova visão de mundo e de comportamento. Seria, portanto, a recriação de um novo processo cultural, de uma nova cultura.

São os intelectuais que constroem, de modo indireto, a hegemonia, bem como as instituições educacionais e culturais e vice e versa; ao mesmo tempo em que também produz cultura. Em geral são estes os principais agentes propagadores de uma ideologia. São os condutores da hegemonia. Tanto no âmbito filosófico (teórico), quanto no histórico (cultural).

O movimento da dialogicidade, próprio do método materialista histórico-dialético usado por Gramsci, ajuda as pessoas através do movimento do pensamento a descobrir as formas necessárias para que a educação seja um instrumento no processo de humanização das massas. Logo, é necessário, também, “[...] empreender, no interior do processo educativo, ações que contribuam para a humanização plena do conjunto dos homens em sociedade.” (PIRES, 1997, p. 91).

Gramsci acredita que os processos educacionais devem plenificar o homem de humanidade. No sentido de conferir à pessoa uma ambiência cultural que o possibilite adquirir princípios de uma civilidade capaz de torná-lo mais consciente da formação do homem como um todo de relações sociais e interpessoais.

O prisioneiro de Mussolini via o acesso à cultura/educação, como “conquista de consciência superior” (GRAMSCI, 1958, p. 23 apud MOCHCOVITCH, 2004, p. 57). Como promoção de novo “modo de ser que determinaria uma nova forma de consciência” (GRAMSCI, 1972, apud VIEIRA, 1999, p. 58).

Esta “nova forma de consciência” seria doravante a responsável pela construção da nova hegemonia; pautada expressivamente na homogeneidade de consciência social das massas.

[...] uma concepção de mundo unitária, coerente e homogênea é formada de uma maneira crítica e consciente, num processo teórico-prático que tem como fundamento último a experiência política da classe. Prepara para uma participação ativa e consciente do destino histórico e social de uma classe social. [...]

Para passar da consciência ocasional e desagregada para a consciência coerente e homogênea é preciso criticar a concepção do mundo que se tem, partindo da consciência daquilo que somos. (MOCHCOVITCH, 2004, p. 15, grifo nosso).

E essa preparação “para uma participação ativa e consciente do destino histórico e social de uma classe social” pode dar-se por meio da atuação comprometida, engajado do intelectual orgânico professor de sociologia.

3. A AÇÃO DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA COMO INTELECTUAL ORGÂNICO

Como percebe-se no percurso teórico ao longo deste artigo, a filosofia e também a sociologia, de Gramsci e, por consequente, sua educação, tem como âmagô a emancipação ou ascensão do sujeito. Um vir a ser libertário. Onde o outrora dominado constrói uma sociedade justa, um lugar de convivência pacífica. Onde ele concebe uma educação e uma escola

[...] em que seja dada à criança a possibilidade de formar-se, de tornar-se um homem, de adquirir os critérios gerais que sirvam ao desenvolvimento do caráter. [...] uma escola de liberdade e de livre iniciativa e não uma escola de escravidão e mecanicidade. (GRAMSCI, 1958, p. 59 apud MOCHCOVITCH, 2004, p. 57).

O entendimento é que nessa “escola de liberdade”, pensada por Gramsci, seja essencial a atividade do professor de sociologia. Uma vez que pode ser desenvolvida por ele a promoção de uma *práxis* educativa que respeite a pluralidade de vozes ecoantes dentro do âmbito escolar; devendo ele assumir o seu papel de intelectual orgânico; de possuir uma postura direcionadora, orientadora e diretiva para o esclarecimento, à crítica, dentro da realidade escolar em que se insere.

Entende-se que o professor de sociologia pode ser um intelectual orgânico, no sentido que, por meio de sua ação pedagógica, poderá organizá-las não só suas aulas como também a escolar como espaço democrático. O que não quer dizer que esse processo de construção seja fácil, mas que deva ser livre e voluntário. Buscando sempre fazer-se mediante relações solidárias por meio da participação que valoriza os elementos internos do processo organizacional e a ação organizacional coordenada e supervisionada, já que precisa atender a objetivos sociais e políticos muito claros, em relação à escolarização da população.

A ação do professor de sociologia, segundo interpretação do conceito de intelectual orgânico em Gramsci deve estar fundada na *práxis* educativa e na reflexão metódica sobre o processo de ensino aprendizagem eficaz e eficiente. Uma vez que é o intelectual orgânico

quem, por meio da educação e da cultura lança-se na empreitada de construir uma realidade de emancipação dos indivíduos, haja visto que estes foram ou estão sendo levados a uma elevação de consciência por meio de uma crítica e reflexão das condições sociais em que estão imersos.

Os intelectuais orgânicos não são apenas os grandes intelectuais, criadores de teorias [...]. São aqueles que difundem a concepção de mundo revolucionária entre as classes subalternas. São aqueles que se imiscuem na vida prática das massas e trabalham sobre bom senso, procurando elevar a consciência dispersa e fragmentária das massas ao nível de uma concepção de mundo coerente e homogênea – os intelectuais orgânicos são dirigentes e organizadores. (MOCHCOVITCH, 2004, p. 18)

Neste sentido, o professor de sociologia como responsável pelo esclarecimento da gênese e desenvolvimento da sociedade, ao abortar, de modo crítico, as forças estruturantes que regem uma sociedade no ambiente escolar faz vezes de intelectual orgânico. Posto que “dirige” os alunos a uma compreensão sociológica que vise assegurar uma unidade entre teoria e prática.

Há que se considerar que o professor seja personagem de transformação, de construção, como o intelectual orgânico. Tendo em vista que aquele se lançou nesta empreitada de mudança de realidade. O que não significa dizer que seja fácil. Os professores, muitas vezes, estão acomodados com a realidade que os cerca e já não dispõem de forças para libertar-se deste ciclo de manutenção da estrutura dominante.

A educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz para fora, que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com as imagens que se tem de uns e outros. (BRANDÃO, 1999, p.15).

O intelectual professor deve ser o articulador da transformação da realidade social e educacional em seu entorno. O organizador dirigente de um compromisso político que induz a competência profissional e acaba por refletir na ação dos alunos e dos outros educadores, propiciando as transformações almejadas.

Por intelectual, cabe entender não somente essas camadas sociais tradicionalmente chamadas de intelectuais, mas em geral toda a massa social que exerce funções de organização em um sentido amplo: seja no plano da

produção, da cultura ou da administração pública.(GRAMSCI, 1929, p. 43
apud BUCI-GLUCKMANN, 1980, p. 46)

Portanto, o professor de sociologia seria intelectual orgânico à medida que por meio de sua atividade pedagógica construiria uma contra-hegemonia. Sedimentada na crítica às estruturas dominantes de exclusão e segregação sociais das classes menos favorecidas na sociedade atual.

Sua *práxis* seria uma medida comprometida e engajada para promoção de uma nova cultura; de uma cultura de elevação intelectual, de participação e comprometimento político, de um novo modo de pensar e ver o mundo. Por vezes esse pensamento pode parecer utópico, porém, Gramsci esclarece que historicamente a “dominação” ou o governo de uma classe sobre outra é historicamente construído e que essa construção de hegemonia se dá pelas mãos dessas pessoas a quem ele chama de intelectuais orgânicos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gramsci defende uma educação e uma escola de livre iniciativa, de autêntica forma de emancipação e promoção humana. A educação, para ele, não pode ser causa de desumanização nem de enrijecimento das desigualdades sociais.

A escola única, ou unitária, que dissemina cultura a todos é um dever do Estado, segundo Gramsci. “A característica própria da produção teórica de Gramsci é a perspectiva da transformação da sociedade que orienta sua reflexão e, portanto, a própria natureza dos conceitos que tal reflexão produziu.” (MOCHCOVITCH, 2004, p. 10). Nesse sentido, cultura e educação estão seminalmente atreladas num mesmo processo. E por derivação compreende-se a atuação do intelectual professor de sociologia.

Para Gramsci era necessário integrar o ensino humanista ao profissional; cultura à instrução, garantindo assim, a formação adequada ao trabalho. Juntamente com a possibilidade da aquisição de uma autonomia intelectual e cultural das classes menos favorecidas.

A concepção de trabalho de Gramsci vai no sentido de que trabalho é toda produção ou modificação da natureza, seja pela atividade prática ou teórica. Para ele, as dimensões prática e teórica dos processos educacionais deveriam ser intimamente articuladas. Schlesener

destaca que: “Para os trabalhadores o desejo de aprender surgia de uma concepção de mundo que a própria vida lhes ensinava e que eles sentiam necessidade de esclarecer para atuá-la concretamente”. (2002, p. 69). Isto é, para Gramsci, não basta apenas a dimensão prática do conhecimento é necessário a compreensão da teoria e da prática.

Na concepção gramsciana a escola deveria ser o lugar apropriado para a união de teoria e prática; o lugar que proporcionasse aos jovens uma formação integral, que proporcionasse consciência crítica. “A escola do trabalho defendida por Gramsci tinha características especiais: supunha não só a formação para o trabalho, mas a possibilidade da elaboração de uma cultura autônoma”. (SCHLESENER, 2002, p. 69).

Duriguetto pondera que:

O desenvolvimento de uma consciência crítica em relação à concepção hegemônica vigente e de uma ação política articulada e de propostas superiores de sociedade como pressuposto subjetivo e objetivo para a formação de um processo de *catarse*² na direção da construção de uma nova hegemonia das classes subalternas implica, necessariamente, na transformação da sua bagagem ideocultural. (2007, p. 62)

Esta ação transformadora revolucionária pautada na consciência crítica tende a se estender a toda à sociedade enquanto unidade orgânica. Deste modo, o papel estratégico da escola e do intelectual orgânico, para a construção de uma contra-hegemonia articulada organicamente no seio das classes sociais, seria o de transformar a realidade dualista de teoria e prática de burguesia e proletariado.

Portanto, a consciência crítica e a participação ativa são, como ressalta Duriguetto (2007), os alicerces da ação política que procura estabelecer uma hegemonia. Onde a educação e acultura desempenham papel fundamental na edificação e na fortificação “das organizações contra hegemônicas [...] já que é no seio da sociedade civil que, no contexto do capitalismo, trava-se prioritariamente a luta política.” (GADOTTI, 1983, p. 75).

Deste modo, o intelectual professor faz-se agente de transformação, de construção de uma realidade nova. Onde o mesmo tem a possibilidade de transformar a sociedade por meio da escola; no exercício comprometido de sua função. Mediante uma proposta de concepção política emancipatória e não simplesmente o cumprimento de um papel alienado e alienador.

²Catarse, segundo Gramsci, significa transformação; o momento em que se passa do estado puramente egoísta-passional ao ético-político, dos interesses corporativos e particulares à consciência universal.

Para tal, seguindo e reflexão gramsciana: o professor intelectual deve estar a par e envolvido nos movimentos e lutas de movimento de autonomia, de emancipação, de direção política, social e cultural. Sedimentando assim, a hegemonia almejada pelas classes socialmente menos favorecidas.

BIBLIOGRAFIA

AGGIO, A. (ORG.). **Gramsci**: a vitalidade de um pensamento. São Paulo: UNESP, 1998.

BUCCI-GLUCKSMANN, Christinne. **Gramsci e o estado**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COUTINHO, Carlos Nélon. **Gramsci**. Porto Alegre: L&PM, 1981.

_____. **Gramsci**: um estudo sobre seu pensamento político. Nova edição ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Sociedade Civil e Democracia**: um debate necessário. São Paulo: Cortez, 2007.

FIORI, Giuseppe. **A Vida de Gramsci**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREITAS, Francisco Máuri de Carvalho. Os Intelectuais e a Revolução. **Revista HISTEDBR On-line**, UNICAMP, n.45, p. 174-199, 2012. Disponível em:<<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/45/index.html>>. Acesso em: 10 de jun. 2016.

GADOTTI, Moacir. **Concepção Dialética Da Educação**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1983. (Coleção Educação Contemporânea).

_____. **História Das Idéias Pedagógicas**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 1996.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. 10. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

_____. **Democracia Operária**. 1919. Disponível em:<<https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1919/06/21.htm>>. Acesso em: 10 de jun. 2016.

_____. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. **Os Indiferentes.** 1917. Disponível em:
<<https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1917/02/11.htm>> Acesso em: 15 de junho de 2016.

MARTINS, Marcos Francisco. **Marx, Gramsci e o conhecimento:** ruptura ou continuidade? Campinas; Americana: Autores Associados; Unisal, 2008.

_____. **Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política.** 2016. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072011000300010>. Acesso em: 10 de jun. 2016.

MIGUEL, M. E. B. . O Pensamento pedagógico de Gramsci. **Revista HISTEDBR On-line** , UNICAMP, n.09, p. 01-15, 2003.Disponível em:<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis09/art4_9.html>. Acesso em: 10 de jun. 2016.

MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a Escola.** 3 ed. São Paulo, Ática. 2004.

MORROW, Raymond A.; TORRES, Carlos Alberto. Gramsci e a Educação Popular na América Latina: percepções do debate brasileiro. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 4, n. 2, p. 23-50, jul./dez. 2004. Disponível em: <[http://www. Curriculosemfronteiras. Org](http://www.Curriculosemfronteiras.Org)>. Acesso em: 30 de jul. 2010.

NETO, Elydio dos Santos. Paulo Freire e Gramsci: contribuições para pensar a educação, política e cidadania no contexto neoliberal. **Múltiplas Leituras**, v. 2, n.2, p. 25-39, jul./dez. 2009. Disponível em:<http://www.metodista.br/revistas/revistas_ims/idx.php/ML/article/view/12651. Acesso em: 10 de jun. 2015.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Filosofia da Educação:** Reflexões e debates. Petrópolis: Vozes, 2006.

PIRES, Marília Freitas de Campos. O materialismo histórico-dialética e a educação; **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 1, n. 1, p. 83-94, ago. 1997.Diponível em: <<http://interface.org.br/wp-content/uploads/2015/01/v.1-n.1-agosto-1997.pdf>>. Acesso em: 10 de jun. 2015.

ROVIGHT, Sofia Vanni. **História da Filosofia Contemporânea:** Do Século XIX á Neo-escolástica. São Paulo: Loyola, 1999. P 601- 647. (História da Filosofia).

SOARES, Dore Rosemary. Gramsci, o Estado e a Escola. Ijuí: Unijuí, 2000.

SCHLESENER, Anita Helena. **Revolução e Cultura em Gramsci**, Editora UFPR, 2002.

SIMIONATTO, Ivete. A Influência do Pensamento de Gramsci no Serviço Social Brasileiro. **Trilhas**, Belém, v. 2, n. 1, p. 7-18, jul. 2001. Disponível em:<http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32005311/a_influencia_do_pensamento_de_gramsci_no_SS.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=14666

I JOINGG – JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI
VII JOREGG – JORNADA REGIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI
Práxis, Formação Humana e a Luta por uma Nova Hegemonia
Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação
23 a 25 de novembro de 2016 – Fortaleza/CE
Anais da Jornada: ISSN 2526-6950

51234&Signature=7VMOlUT95lgWhYQU%2BjPVitCuuk%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DTrilhas.pdf.> . Acesso em: 10 de jun. 2015

SCHLESENER, A. H. Hegemonia e cultura: Gramsci. 2. ed. Curitiba: UFPR, 2001.

_____. Revolução e cultura em Gramsci. Curitiba: UFPR, 2002.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Cultura e Formação Humana no Pensamento de Antonio Gramsci; **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n.1, p. 51-66, Jan/ Jun. 1999. Disponível em: <http://interface.org.br/wp-content/uploads/2015/01/v.1-n.1-agosto-1997.pdf>. Acesso em: 10 de jun. 2015.